

No pequeno número de parágrafos que se segue proponho-me escrever tão bem quanto posso sobre a [minha] *ideia de Biblioteca* e sobre o comportamento *do Homem nela*.

Recentemente, numa notável conversa em televisão, Eduardo Lourenço definiu os livros como o *inimigo da [sua] vida real*. Referindo-se ao papel predominante na sua vida das suas vivências em Biblioteca, caracterizou esta relação estreita entre o literato e os livros como uma *experiência trágica*.

Estaremos, com certeza, perante um extremo nobre da experiência humana em Biblioteca, em muitos aspectos oposta à vivência mais lúdica e enlevada que para Eduardo Prado Coelho caracteriza a sua relação com os livros neste *topos* particular da história da humanidade. Exactamente: um *topos* particular; um espaço sem localização definida e no entanto tão perto de cada um de nós; um espaço em que a dimensão do tempo é avassaladora e ao mesmo tempo, como qualquer outra dimensão, intangível; um espaço que modela e é modelado pelo comportamento humano.

Agora que me debruço sobre este tema, chego à curiosa conclusão de que *a ideia de Biblioteca* deveria fazer parte dos desígnios do Criador. Quando Homero *criou* a **Ilíada** e a **Odisseia** não poderia imaginar que estava a dar um dos primeiros contributos significativos - e sem dúvida o mais decisivo - para o surgimento da Biblioteca tal como a conhecemos hoje na sua forma material. Enquanto matéria conceptual, todavia, o *topos* Biblioteca, no sentido mais lato, não poderia estar menos presente no espírito de Homero. Davam-lhe então, obviamente, outro nome: o de *paideia*. Por este e outros motivos, será porventura um verbo - *educar*

- a palavra que melhor define a *ideia de Biblioteca*. Será o Verbo do Criador *Educar*?

Qual será a função de uma Biblioteca? Terá o Homem consciência de que é ele próprio, em última instância, a Biblioteca? Segundo a UNESCO uma das principais finalidades da Biblioteca deve ser permitir que o público leia os livros: «A biblioteca... deve ser de fácil acesso e as suas portas devem estar abertas a todos os membros da comunidade, que poderão usá-la livremente, sem distinções de raça, de cor, de nacionalidade, de idade, de sexo, de religião, de língua, de estado civil ou de nível cultural.». Não discutirei aqui se estes objectivos estão ou não a ser prosseguidos, se se estão ou não a desenvolver esforços nesse sentido... Em vez disso, conto-vos a seguir um sonho que tive/terei e que se assemelhará a outros que vós tivestes/tereis.

A estaria do sonho passava-se num futuro impreciso. Era uma das suas personagens, tripulante de uma nave espacial que visitava um planeta habitado com a forma de um livro convencional e polvilhado de todas as cores.

O rendilhado da película onírica, por vezes difuso, revelava-me uma civilização extraordinária.

Quando a nave se aproximou do planeta, distinguimos nos seus pólos duas bandeiras a tal ponto gigantes que nelas se podia ler a palavra "Biblioteca". A princípio pagámos serem marcos da conquista competitiva de regiões inóspitas indicando o nome de uma nação ou qualquer outra entidade abstracta; tratava-se, soubemo-lo depois, de duas notáveis obras de engenharia - construção comum de todas as forças vivas do planeta destinadas a

revelar a todos os seus visitantes o nome deste astro fantástico.

Após todas as peripécias de aterragem e de termos sido recebidos com uma civilidade inefável, insistiram em que conhecêssemos o seu modo de vida. As características físicas destas gentes tornam-se irrelevantes quando comparadas com o mundo que construíram à sua volta. As cidades tinham nomes de áreas do saber: Filosofia, Astronomia, Linguística ... As ruas das cidades, nomes dos mais e menos conhecidos escritores, cientistas pelo que quem procurasse aprofundar conhecimentos sobre determinada personalidade deveria encaminhar-se para esta ou aquela rua ou avenida, nesta ou naquela cidade, embora quase tudo o que não fosse muito especializado se encontrasse facilmente em qualquer ponto do planeta. Em cada rua, ao lado de pilhas de livros (cada rua estava ladeada por passeios de livros) que podia levar livremente para casa se não tivesse tempo de os ler sentado numa das inúmeras poltronas ao longo dos passeios, podia tomar um café de Engenharia Agrícola, saborear um rissol de Culinária, conversar sobre o novo romance de um Vargas Llosa, prestes a chegar, como o anunciava cada um dos jornais (gratuitos e ao estender de um braço) de cada uma das cidades, mas com crónicas mais desenvolvidas no de Literatura, conhecer as novas descobertas de Oceanografia via internet, assistir a videoconferências organizadas pelo pelouro de cultura de História através de ecrãs suspensos dos edifícios quais anúncios em néon... Podia ainda cortejar a mulher morena de olhos acinzentados nascida em Genética que se sentava ao meu lado lendo um romance de um autor cósmico e que, discretamente, de soslaio, me olhou.

Acordei/acordarei sobressaltado neste/nesse momento. Acendi/acenderei a luz do candeeiro da minha mesinha-de-cabeceira, onde também tenho/terei A Biblioteca do Umberto Eco. Que relação existirá entre o sonho e a realidade⁰

Rui F. Manhente F. Cardoso